

# HISTORICIDADE DO CONTATO ENTRE ÍNDIOS E NÃO ÍNDIOS NO OESTE PAULISTA<sup>1</sup>

*Leonardo de Oliveira CRUZ<sup>2</sup>*

## RESUMO

Os índios Kaingang paulistas, pertencentes à família lingüística Jê, estão localizados nos Postos Indígenas Vanuíre, Icatu e Araribá, no oeste do Estado de São Paulo. A colonização desta região se deu com a frente do café. Com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, muitos foram os conflitos entre não índios e índios. Os nativos sofreram todo tipo de violência, e por fim foram reduzidos a menos de um terço da população original e aldeados a partir de 1915. Observa-se que grandes transformações ocorreram dentro da cultura Kaingang, mas que há um movimento de construção de uma identidade étnica através da retomada de danças, cantos e língua. Ao contrário do que muitos pensam, houve uma transformação cultural e eles não deixaram de ser índio. Portanto, o papel principal deste artigo é fazer uma abordagem histórica do contato entre estes índios e os não índios no processo de colonização do Oeste paulista.

**Palavras Chaves:** Índios Kaingang; Kaingang no Oeste paulista; etnocentrismo; colonização.

## Introdução

Os índios Kaingang paulistas estão hoje em pequenas reservas no oeste do estado de São Paulo nos Postos Indígenas Vanuíre, localizado do município de Arco-Iris, e Icatu, no município de Braúna.. Este artigo focaliza os Kaingang de Vanuíre, aldeia que tem aproximadamente 200 índios não pertencentes somente a etnia Kaingang, encontram-se também no P.I., índios Krenak, que vieram do Estado de Minas Gerais para a aldeia a partir da década de 40, devido às invasões de suas terras por empresas mineradoras e fazendeiros, e Terena que vieram do Mato Grosso do Sul num período mais recente. A maioria destes índios na reserva é de Krenak e Kaingang, as duas etnias, de seu modo, vivem um processo de “resgate cultural”<sup>3</sup> ao fazer artesanatos, reunirem-se para dançar, cantar e ensinar a língua para os mais jovens, de forma que se possa construir uma identidade étnica afirmando-se enquanto grupos étnicos organizados capazes de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Simpósio Internacional: Tempo – História e Literatura – Comunicação Coordenada – *Que cousa são os índios nas antigas crônicas sobre o Brasil* – Realizado em Feira de Santana, BA, de 25 a 29 de novembro de 2002.

<sup>2</sup> Aluno do quinto ano de Ciências Sociais (e-mail: leonardodecruz@hotmail.com), sob orientação do Professor Doutor Sérgio Domingues, da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, CEP 17525-900, Marília, São Paulo – Brasil.

<sup>3</sup> Esta expressão é empregada pelos próprios índios da aldeia.

reinventar uma tradição espoliada pelo contato com o homem branco no final do século XIX e início do XX, dominado pela ideologia do progresso capitalista a qualquer custo. Nem que para isso fosse necessário o extermínio total de povos indígenas.

O oeste paulista entra como área de interesse para a expansão capitalista no final do século XIX com a expansão cafeeira na região. Esta frente capitalista se deparou com um *obstáculo* que a impediu de prosseguir com a sua marcha para o progresso, os índios Kaingang, habitantes da região. Eles resistiram veementemente contra a colonização de suas terras e de seu território pagando caro por isto. Pois não foram poupados das mais terríveis atrocidades cometidas pela empresa capitalista, que aumentava cada vez mais, principalmente com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil que ligaria São Paulo a Bolívia, passando pelo Mato Grosso do Sul. Os trilhos da EFNB aos poucos penetraram em território Kaingang, causando vários ataques dos Kaingang aos funcionários desta empresa, portanto, estes índios passaram a ser alvo de ataques violentos, chegando a ser atacados e assassinados em massa. Por um longo tempo o governo brasileiro não tomou nenhuma atitude em relação a essa região, muito pelo contrário, os seus próprios funcionários incentivavam o extermínio destes povos *que em nada contribuíam para o progresso do país*. Não só em São Paulo, mas em várias outras regiões do país, os povos indígenas sofreram com a expansão capitalista sobre as suas terras acompanhadas de uma longa agonia que ocupou os grandes congressos e encontros científicos na primeira década do século passado, a ponto de o governo criar o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1910. Este órgão passou a atuar de forma que os índios fossem confinados em pequenas porções de terras, as reservas, propiciando o prosseguimento, sem interrupções, do progresso brasileiro para o oeste paulista, e demais regiões de interesse para a empresa capitalista.

### **Saiam da frente que eu quero passar: Resistência e violência no oeste paulista**

Os Índios Kaingang são habitantes do planto meridional ocidental, que corresponde aos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. No estado de São Paulo os Kaingang viveram no vale do Rio Tietê passando pelas bacias do Rio Feio-Iguapeí e do rio do Peixe até as florestas que, em galeria margeavam o rio Paranapanema. Esta região, até o final de século XIX, foi alcançada pela mata atlântica que avançava pelas vertentes orientais da Serra do Mar, acompanhando o curso dos rios que correm para o Oeste, como o rio Grande, o Tietê, o Paranapanema, o Ivaí e o

Iguapeí. As matas desta região eram chamadas de matas do vale do Paraná, habitat dos índios Kaingang.

Foi no século XIX que esta região passou a ser alvo de exploração econômica, pois o solo do planalto ocidental paulista oferecia condições favoráveis para a cultura do café e de criação de gado, além do cultivo de outros gêneros. O solo é caracterizado por terra roxa e terras arenosas, menos férteis, mas que servem à cultura do café. No entanto, coube à pecuária o primeiro momento da colonização da região pelos criadores mineiros, que passariam então a aproximar-se das terras Kaingang, nos Campos Gerais do Paranapanema. Segundo algumas informações, embora houvesse conflitos neste primeiro momento, eles não assumiram proporções tão violentas, o que não aconteceu com a frente do café, quando todo e qualquer tipo de violência foi empregado.

O café, grande produto exportador, base, por um longo tempo, da economia brasileira, depois de passar pelo Rio de Janeiro e pelo vale do Paraíba em São Paulo, em final do século XIX chega ao Oeste paulista, pois é

Na década de 1880, quando o vertiginoso crescimento da produção cafeeira transforma a província de São Paulo no maior produtor nacional, a ocupação do oeste paulista sofre radical mudança nas suas características sócio-econômicas. (LIMA, 1978 p.109).

A região passa a ser alvo de particulares e por parte do governo, mas havia um grande empecilho, os seus verdadeiros habitantes, os Kaingang. Quanto mais os colonizadores se aproximavam os índios se afastavam, embrenhando-se cada vez mais no interior das matas. A manutenção dos Kaingang em seu tradicional território, que aqui me refiro ao conceito do Denise Maldí, que nos diz muito a respeito da importância da manutenção de um território para que seja possível viver enquanto um grupo com sua organização própria.

A noção de território é uma representação coletiva, uma ordenação primária do espaço. A transformação do espaço (categoria) em território é um fenômeno de representação através do qual os grupos humanos constroem sua relação com a materialidade, num ponto em que a natureza e a cultura se fundem. A noção de território sem dúvida é formada através do dado imediato da materialidade, mas esse é apenas um componente, já que todas as demais representações sobre o território são abstratas. (MALDÍ, 1997, p. 3).

Esta noção de território não mais poderia ser aplicada aos Kaingang, visto que a tranquilidade de viver nas matas foi substituída pelo medo e pelo pavor da aproximação dos colonizadores, causando uma instabilidade na organização tribal desses índios. A liberdade Kaingang estava por terminar, pois os seus novos vizinhos não eram favoráveis ao diálogo, pela ideologia da época, ou os índios se incorporavam ao sistema

vigente da sociedade brasileira, que se caracterizou pela expansão do capitalismo, ou eram exterminados. As evidências não são outras, os Kaingang não optaram por nenhuma destas, resistiram, pelo menos por um longo tempo, o que os levou a um morticínio feroz.

A expansão cafeeira trouxe uma extraordinária procura de terras virgens no oeste, conseqüentemente esse novo produto

Necessitava de tecnologias, terras e mão-de-obra. Mas não era apenas isso, ela necessitava também de formas legais e legítimas que justificassem a expulsão dos pequenos posseiros, a instalação dos latifúndios e o massacre dos índios. (NIMINON, 1994, p.73).

As fazendas de café passaram a aumentar na região, e até neste momento o que foi evitado não poderia mais ser, o conflito, pois cada a dia mais se adentrava em território Kaingang, e estes não tinham mais para onde fugir. A região, a cada dia, passava a ser foco atrativo para exploradores. Portanto seus objetivos foram alcançados, pois por um longo período o Governo não tomou nenhuma medida de proteção aos nativos da região, ao contrário, procurou por todos os meios o progresso da região sem nenhuma preocupação com o grupo humano que ali vivia. Em 1886 criou a Comissão Geográfica e Geológica do Estado para fazer o reconhecimento da tão próspera região – os vales do Tietê, Feio-Aguapeí e Peixe - Os relatórios da Comissão informaram sobre os grupos humanos que habitavam na região, dentre eles estavam os Kaingang e os Guarani<sup>4</sup>. No final do século XIX, em 1890, foi criada e nomeada a comissão de viação geral para estudar e organizar um plano geral de viação férrea e fluvial. O objetivo foi colocar em prática o plano do governo brasileiro de dar à região Mato-grossense facilidades de comunicação com outros Estados do Brasil e o projeto de integração nacional. Essas medidas foram nada menos do que respostas à produção do café, que se concretizaram com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil fez parte do projeto de integração nacional do governo e seu projeto inicial pertenceu a parte do trajeto da Transcontinental que ligaria Santos a Arica ou a Antofagasta, no Chile. Embora o projeto não tenha sido realizado, a Noroeste chegou à Bolívia. No estado de São Paulo, ela se iniciou em Bauru, pois

Já na mira dos trilhos da Paulista, alcançado, em 1905 pela Sorocabana, Bauru tornou-se nesse mesmo ano o ponto de partida da Estrada de Ferro Noroeste, projetada para alcançar os limites ocidentais de Mato Grosso. (LIMA, 1978, p.141).

---

<sup>4</sup> Os Guarani estão também em aldeia no Oeste paulista, no Posto Indígena Araribá, no município de Avaí, próximo a Bauru.

O percurso da Noroeste passava por território Kaingang, entre os rios Tietê e Aguapeí, portanto, à medida que a Noroeste avançava, os conflitos se tornavam mais evidentes. E assim a colonização do Oeste Paulista, que começou com os criadores de gado e depois passou para o café, encontrou na Noroeste a sua oficialização, e o extermínio Kaingang também. Os índios passaram a ser o principal obstáculo à expansão do progresso capitalista para o oeste, no entanto, não foram poupadas medidas violentas para derrubar essa barreira. Os conflitos se intensificaram na região, o extermínio aos Kaingang foi declarado. Mas estes, em defesa de seu território e de sua vida, reagiam com “*ataques inesperados a homens, postos telegráficos e danificações nos trilhos.*” (BORELLI, 1984, p. 70). De acordo com Ribeiro

Em 1905 ocorre o primeiro ataque dos índios nas proximidades de Estrada, contra a turma de um agrimensor que, realizando uma medição, afastara-se muito dos trilhos. A esse ataque sucederam-se outros, nos anos seguintes, contra as turmas da estrada e contra agrimensores que operavam entre as estações que hoje correspondem às cidades de Lins e Araçatuba. Uma comissão de sindicância criada para estudar os conflitos verificou que todos esses ataques resultaram em menos de quinze mortes de civilizados. Em contraposição, nessa época foram realizadas diversas chacinas que levaram a morte às aldeias inteiras dos Kaingang, reavivando o ódio e dando lugar a novas represálias. (RIBEIRO, 1970, p.102-103)

Por tantas mortes, o principal impulsionador não poderia ser outro, senão a Noroeste. Para controle da região, a empresa forneceu armas para seus funcionários e autorizou-os a disparar sobre os índios. Além de seus “jagunços” a empresa contratou bugreiros, especializados em exterminar os nativos. Na região o pânico era geral e os primeiros resultados desse conjunto de massacres foi a população Kaingang perder aproximadamente entre 1908 e 1911, 500 indivíduos. (BORELLI, 1984).

Tanta morte e tanta violência dificultaram uma maior compreensão da organização social desses índios, levando em consideração que suas vidas, suas casas e de tudo que se lhes relacionasse foram destruídos. Entretanto, foi através de etnocídio e genocídio que se deu aproximação entre os Kaingang e civilizados, graças ao avanço econômico. O avanço capitalista chegou ao oeste. Neste momento, os habitantes da região, organizados social e culturalmente, foram vistos como bárbaros que se não quisessem atender aos objetivos da sociedade capitalista, como aconteceu, restava-lhes os embates e resistência, e com armas menos sofisticadas do que as dos alienígenas saíram perdendo nesta guerra. Apesar de não conseguirem impedir expansão do capitalismo para o oeste, ao menos, por um longo tempo os índios conseguiram retardá-lo, pois, se de um lado os Kaingang se viram banhados de sangue, de outro, através de

sua resistência, fez com que o avanço do Capitalismo encontrasse dificuldade para prosseguir. Os conflitos foram solucionados com a criação do Serviço de Proteção aos Índios, em 1910, com a função de agir nas áreas em conflito, “pacificando” os índios. Assim sendo o processo de pacificação dos Kaingang começou a partir de 1911.

### **Considerações finais**

Após o fim de pacificação os índios Kaingang foram aldeados em dois postos indígenas, o Posto Indígena Vanuíre, em 1917, localizado à 22 quilômetros da cidade de Tupã, mas pertencente ao município de Arco-Íris, no bairro Ponte Alta, e no P.I. Icatu, localizado no município de Braúna à 35 quilômetros de Araçatuba.

Resultante deste processo de contato e de pacificação, constata-se que a desarticulação da organização social Kaingang foi rápida e violenta,

De acordo com os dados fornecidos por Ribeiro Barbosa, anteriormente aos contatos com as frentes colonizadoras, a população Kaingang no Estado de São Paulo estava estimulada em aproximadamente 1.200 índios. Em 1912 e 1916, após a pacificação e já em reservas, este número caiu para 700 e 200 indivíduos, respectivamente. Tiveram, portanto, em aproximadamente 15 anos, sua população reduzida em mais de 80%. (BORELLI, 1984, p. 81).

Os índios Kaingang paulistas chegam ao século XXI reduzidos a menos de duas centenas de indivíduos confinados em espaços bem restritos. Contudo fez-se necessário se reorganizarem socialmente neste novo espaço, e desta nova organização elementos da população regional iriam fazer parte. As transformações ocorridas na sua estrutura foram muita rápidas. Segundo Darcy Ribeiro, foi um dos únicos grupos indígenas que saltou da condição de isolado, para integrado, visto que para o mesmo autor os grupos indígenas do Brasil poderiam ser classificados dentro de quatro categorias diferentes – isolados, de contatos intermitentes, de contato permanente e integrados – de acordo com a situação particular de cada grupo. Desta forma o autor avalia o comportamento dos povos indígenas na primeira metade do século passado de acordo com as mudanças provocadas pelo contato e pacificação, de acordo com as particularidades de cada grupo indígena.

Dentro desse quadro, os Kaingang paulistas, no final do século XIX, foram identificados, pelo autor, como isolados, ou seja, aqueles que viviam “[...] em zonas não alcançadas pela sociedade brasileira, só tinham experimentado contatos acidentais e raros com civilizados.” (RIBEIRO, 1970, p. 231). Mas, após a marcha do café para o

oeste paulista, a situação dos primeiros habitantes dessa região iria mudar drasticamente, a ocorrência de transformações na organização social e cultural foi inevitável, o que faz com que os Kaingang cheguem à segunda metade do século XX como índios integrados – aqueles índios que

[...] tendo experimentado todas as compulsões referidas e conseguido sobreviver, chegaram ao século XX ilhados em meio à população nacional, à cuja vida econômica se haviam incorporado como reserva de mão-de-obra ou como produtores especializados de certos artigos para comércio. Estavam confinados em parcelas do antigo território ou despojados de suas terras, perambulavam de um lugar a outro, sempre escorraçados. (RIBEIRO, 1970, p. 235).

Vitimados pela expansão capitalista do século XIX e pelo etnocentrismo, os Kaingang paulistas, assim como todos os povos indígenas que impediam o expansionismo econômico, foram impedidos de levar uma vida cultural e social autônomas, conseqüentemente tiveram que se submeter às medidas adotadas pelo governo, mudando consideravelmente a sua organização tribal.

Mas, mesmo com todo esse processo violento que foi o contato entre Kaingang e Não índios, aqueles, no seu dia a dia, lutam para manter o que lhes restou, a dignidade e o sentimento de serem um povo que não cedeu, e hoje isto está cada vez mais forte.

## Referências

BORELLI, Silvia Helena Simões. Os Kaingang no Estado de São Paulo: Constantes históricas e violência deliberada. In: MONTEIRO, John M. et al. *Índios no Estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. São Paulo: Yankan/Pró-índio, 1984.

LIMA, João Francisco Tidei. *A ocupação da terra a destruição dos índios na região de Bauru*. 1978. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

MALDI, Denise. De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX. *Revista Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997.

PINHEIRO, Niminon Suzel. *Os nômades: etnohistória Kaingang e seus contextos: São Paulo 1850 a 1912*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1992.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 2004**